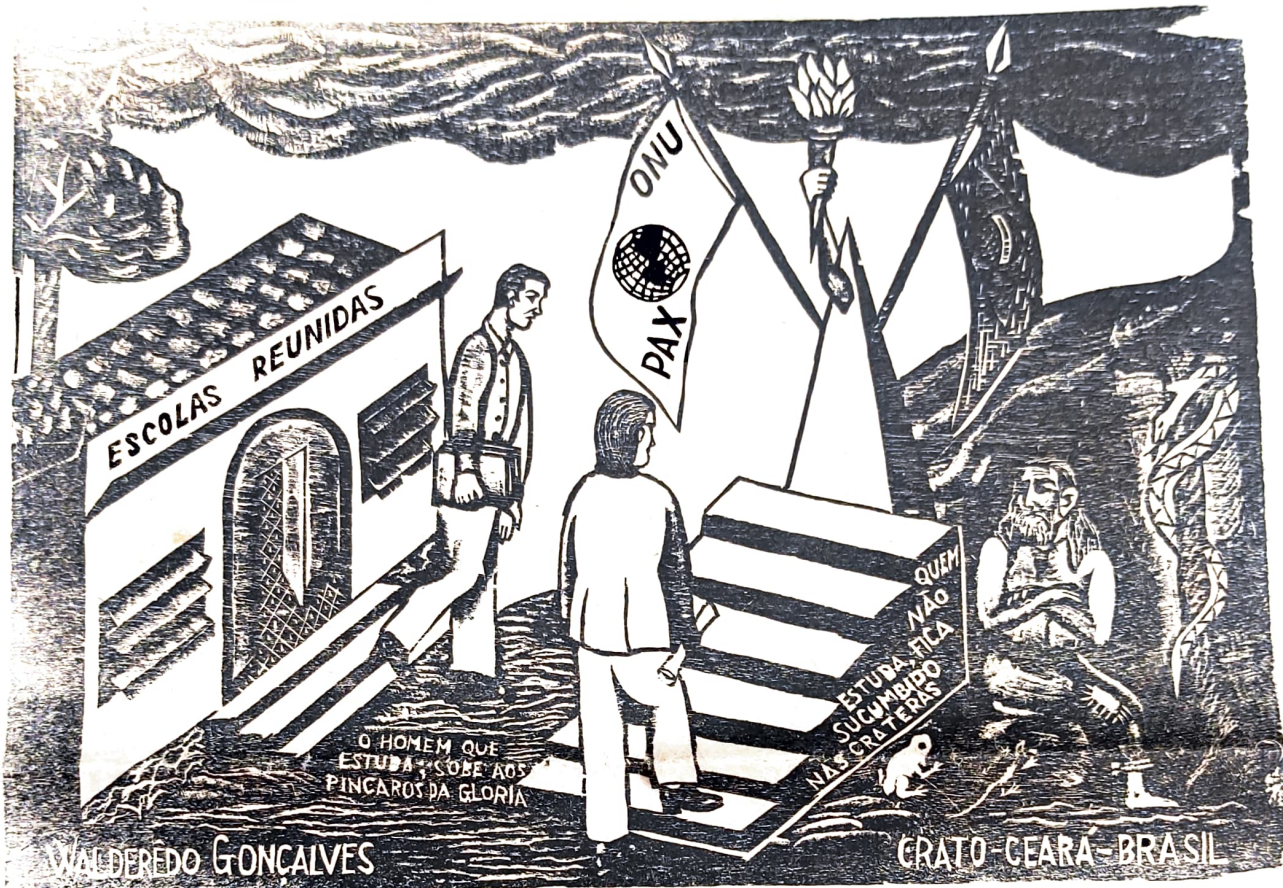


FOLHA DE PIQUI

ANO I — CRATO / CARIRI — Nº 04 — JUNHO / JULHO DE 84 — Cr\$ 300,00



III SEMEC

«Cariri, problemas ecológicos, numa região solução».

Os Dominadores, os Opressores, os Tiranos,
Cercaram os feudos,
Cortaram a erva,
Deceparam as flores,
mas, não deterão a primavera.

A FACULDADE DE FILOSOFIA DO CRATO, através dos seus departamentos de Ciências Exatas e Biológicas e Geociências, e o NÚCLEO ECOLÓGICO DO CARIRI, promoveram no período de 1º a 08 de junho deste, a III SEMEC (III Semana Ecológica do Cariri). Oportunidade em que foram levados a efeito, vários eventos, como sejam:

Exposição Ecológica da Faculdade de Filosofia do Crato; Plantio de Mudanças; Tarde Infantil Ecológica; Reunião Pró-Associação dos Biólogos do Cariri; Seminário; Reativação da Associação Para a Conservação da Natureza; Gincana Ecológica; Apresentação de Filmes Super 8 mm e «slides» e Peças de Teatro.

O ponto alto das comemorações, foi inte-

- Pe. Ágio Moreira - Pg. 2
- Poesias - Pg. 3
- Chico Anicete - Meio Século de Música - Pg. 4
- Em Busca de uma Identidade Cultural - Pg. 4
- Ecologia - Pg. 5
- O Nordeste e a Seca - Pg. 6
- Método de Alimentação Niemeyer - Pg. 7
- Notícias - Pg. 8
- Cariri Aldeia de Todos Nós - Pg. 8



gavelmente, em face de permitir a apresentação de propostas de ordem ecológica, possibilitar o intercâmbio de trabalhos, estimular o debate, reacender a chama ecológica na região, veicular opiniões e idéias — O Seminário, que teve como conferencistas: Prof. Flávio Torres (UFCE); Prof. Ricardo Braga (UFPE); Prof. Plácido Cidade Nuvens (UECE) Amoacy Niemeyer (Nutrólogo) e Prof. Fran-

cisco Cunha (NEC)

Acreditamos que necessário se faz uma ação duradoura entre os intervalos das Semanas Nacionais do Meio Ambiente e se «o caminho a percorrer é longo, pelo menos temos a certeza que já começamos a dar os primeiros passos».

FRANCISCO CUNHA
— Biólogo —

Pe. Ágio Moreira

(DEPOIMENTO)

Um dia, de passagem por Jamacaru, um povoado daqui da região, impressionaram-me os camponeses que trabalhavam e cantavam ao mesmo tempo, imprimindo no trabalho o mesmo ritmo da melodia. Aquele canto, «um canto de trabalho», me deu a certeza de que o homem é um ser naturalmente musical.

Pe. Ágio Moreira

1 — Publicamos neste número a primeira parte do depoimento, um testemunho, do Pe. Ágio Moreira, fundador e mentor da Sociedade Lírica do Belmonte, um sábio que escolheu a música como instrumento evangelizador.

2 — Acreditando na importância da ARTE e, sobretudo, no trabalho do artista cômico de sua responsabilidade como agente de interferência no universo de ideais que determinam o comportamento de sua comunidade-vivencial, concebemos esta coluna ARTE/COMUNIDADE — Depoimento, numa tentativa de demonstrar como a sensibilidade artística atua: criando, transformando, contestando (ou simplesmente mantendo), os valores que o (diabólico) sistema capitalista nos impõe.

Escalamos as ladeiras que vão dar no Belmonte. Nenhuma novidade pelas ladeiras. Afinal, subir e descer ladeiras faz parte do cotidiano do cratense. O que diferente se apresentava é que naquele momento éramos a equipe de reportagem do Folha de Piauí, organizada e disposta, que «ladeira acima subia» para entrevistar o Padre Ágio. Publicaríamos no próximo número. Combinamos que as nossas perguntas seriam, no possível, em torno de sua vida no tempo anterior à fundação da Sociedade Lírica do Belmonte — SLB, isto porque, curiosamente, estávamos interessados em tomar conhecimento das experiências e aprendizado, os processos irreversíveis, vivenciados pelo Padre Ágio e que culminaram com a criação da SLB — Orquestra Pe. David Moreira.

Chegamos LÁ — O LUGAR. Domingo, 5 da tarde. SOL no poente. Encontramos o Pe. Ágio com a disposição que não deixa mostrar os seus quase setenta anos de VIDA, regando mais uma de suas sementes que está germinando: o novo edifício que comportará a nova Escola. Não precisamos nos apresentar porque aqui no Cariri e, mais ainda, no Crato, de alguma forma a gente se conhece — de vista, de nome, de já ouvi falar. Recebeu-nos com sua calma e simplicidade envolvente. Demonstrou satisfação apontando o alicerce implantado, os espaços projetados sobre o piso ainda no barro, a horta, as espigas verdes do milho brotadas com o bom inverno, a idéia de adquirir o terreno vizinho para servir de roça pra os «meninos» (os alunos camponeses) e do

desejo de estender o ensino da Sociedade para outras áreas como a dança, o teatro, o cinema e fotografia e, sentimos com ele, a certeza de realização de todos os projetos. Depois, saímos da área em construção, atravessamos a pista de asfalto e adentramos no mais funcional dos espaços arquitetônicos (inimaginável por Niemeyer) que abriga a atual escola-capela-salão de ensaios-biblioteca-alojamento-sala de estar da SLB. Acomodamo-nos e anotei o que segue:

«Fomos doze os filhos de Seu Augusto Moreira e Dona Raimunda todos batizados na Igreja Católica Apostólica Romana. Meu pai foi quem me passou os primeiros conhecimentos musicais. Ele havia sido em sua juventude, tocador de harmônio nas festas religiosas da Igreja de Assaré. Era compositor também. Depois aprendeu o ofício de farmacêutico prático (manipulador de drogas), mas continuou valorizando a música e nos educou com ela. Em Assaré eu nasci. Passei minha infância em Carriús e Farias Brito. Nossa família teve que sair de Assaré porque começou a sofrer perseguições. O meu pai era «rabelista», não compactuou com as idéias políticas do Padre Cícero Romão Batista (os revoltosos). Em Carriús, o meu pai não pôde exercer, de imediato, a profissão de farmacêutico porque já começavam a exigir diploma. Ele, já casado e com filhos, com muito sacrifício, foi pra Fortaleza onde conseguiu a formatura na terceira turma da Farmácia da UFC. Em seguida, que sabe buscando um campo maior para emprestar os seus serviços, fomos para Farias Brito.

Comum no nordeste era a família educar os filhos à luz dos ensinamentos religiosos e, quando podia o seminário e o convento de freiras eram o melhor caminho para os filhos adolescentes. (...)

Eu fui despertado para o sacerdócio — a minha vocação para servir a Deus — quando tinha 10 anos. Era coroinha da paróquia de Farias Brito, como tantos outros meninos da cidade, quando por lá foi vigário o Padre Sotter. O seu senso de organização me fascinava. A atenção e confiança que tinha para comigo, um pirralho, me fez desejar ser como ele era. Assim, quis ir pro Seminário S. José onde já estudava o meu irmão David. Não pude. O meu pai não tinha condição financeira suficiente para manter dois filhos no seminário e, me convenceu, precisava de mim para ajudá-lo na farmácia que havia montado. Fiquei em Farias Brito até os 13 anos quando, aos 07 de dezembro de 1930, parti para a cidade de Jundiá, estado de São Paulo, onde iniciei o curso ginasial na Escola Apostólica dos Padres Salesianos. (...)

Os seminários sempre tiveram a música nos seus currículos escolares porque a música, simultaneamente, desenvolve a sensibilidade — pelo som — e oferece aos alunos noções básicas de disciplina — pelo ritmo, além de ser um acompanhamento natural ao culto divino. Então, no seminário estudei música de forma sistemática e, assim, meu interesse aumentou quando comecei a praticar alguns instrumentos e apro-

fundar meus estudos teóricos. Fiquei em Jundiá até 1937, 07 de janeiro, quando voltei para o Nordeste, Fortaleza, Seminário da Prainha, onde completei os meus estudos de Filosofia e Teologia. De passagem pelo Crato, antes de seguir para Fortaleza, o Padre David — meu irmão que já era bom músico — me apresentou com um violino. Por coincidência, estava com ele um seminarista da Prainha, a quem me apresentou, que havia sido graduado músico pelo Conservatório de Berlin, Alemanha. Tomei-o como professor em Fortaleza e muito aprendi com a ajuda dele. Quando passei para o seminário maior fui escolhido pelo reitor para ser mestre de música dos alunos do seminário menor e organista oficial na liturgia católica e outras solenidades no Seminário da Prainha durante três anos. Sedimentei os meus conhecimentos e adquiri o gosto pelo ensino da música. (...)

Ordenado padre, vim servir na diocese do Crato como vigário de uma de suas paróquias, porém, o Mons. Rocha que era reitor do seminário São José, já me conhecia, conseguiu me levar para ser professor do seminário. Foi então que, com o estímulo e extremado interesse do Mons. Rocha, fundei e fui regente do Orquestra do Seminário São José durante os treze anos de sua existência e que correspondem ao tempo no qual o Mons. Rocha permaneceu na reitoria. (...)

Quando a orquestra foi desativada, fiquei com alguns instrumentos musicais que me pertenciam e trouxe-os comigo para a Vila Santa Terezinha, das filhas de Santa Teresa, onde morei por algum tempo, até vir para o Belmonte. Eu me decidi por morar aqui — no Belmonte — pela paz que me ofereceu o campo: ar puro, cheiro de mato, canto de pássaros, água nas nascentes. O campo e o camponês me transmitem essa paz. Existe entre nós — eu e a comunidade do Belmonte — uma relação de troca afetiva, uma simplicidade comunalhada. (...) Eu fiz uma opção pela igreja dos pobres. (...)

A idéia de fundar uma escola de música surgiu quando, em 1964, a Orquestra Sinfônica Henrique Jorge de Fortaleza veio fazer uma apresentação no auditório da Rádio Educadora do Cariri. Eu e mais três rapazes, que também residiam na Vila Santa Terezinha, nos empolgamos com o concerto e acreditamos na possibilidade de criação de uma orquestra a partir da fundação de uma escola de música. A concretização da idéia se deu em 1967 quando fundamos a Escola de Música do Belmonte e foi registrada em 1973 tendo sido reconhecida de utilidade pública pelo Serviço Social do MEC, transformando-se na Sociedade Lírica do Belmonte.

(a seguir: A Escola/Sociedade Lírica do Belmonte).

L. Carlos Salatiel

* equipe de reportagem: Bola, Normando, Carlos Raphael, Dedê, Geraldo Efe, F. Cunha e L. Carlos Salatiel.

Café Itaitera... O Café Que a Gente Gosta

Exija do seu fornecedor o CAFÉ ITAITERA empacotado a vácuo compensado. — Rende mais e tem sabor total

FONES: 521-1511 E 521-2629

CRATO — CEARÁ

DE MADRUGADAS

o que faz
as madrugadas iguais
não é o tom do tempo
nem o silêncio acordado
dos senhores mal dormidos

o que faz
as madrugadas iguais
é o cantar
alvorecedor e anônimo
dos galos românticos

Francis Vale

←—oOo—→

O II MOVIMENTO DO MINOTAURO

«A Antônio Conselheiro»

nos céus do Muriti
não se ouve mais o canto da
sabiá
samente os gemidos
dos taxilovers
embassando os canaviais
debaixo do Crato
pulsa um oceano de águas
restauradoras
que rasgará o solo
na noite do II fogo.

J. B. F. F. DECA

←—oOo—→

coivara
aceiro na roça
das palavras
queimo pestanas
na lauda
um hierogrifo
me encara.

Tiago Araripe

←—oOo—→

— PRIMEIRO DE MEL —

vêm vindo os novos séculos
ouçam o tropel do trabalho!
é maio e de todo lugar
estamos vendo!
a rosa trocando de roupa, não!
pelo olho que já se abre!
sim! pelo olhocole!
é outra coisa! cola com coletividade!
quem não quer paracolet?
sim! é outra coisa
undumês mesmo!
maiomos! salute, trabalhadores!

Geraldo Efe —



«uns tomam éter, outros cocaína
ontem tomei a tristeza
hoje tomo alegria».

Hasteio bandeira, manuel

dispenso qualquer tempo
para o uso de narcóticos
sob qualquer efeito de emoção
lanço-me em um poema; verbalizo
verbo-aliso

em tempo do verso explodir!

Célia Regina

REQUIEM PARA UM REVOLUCIONARIO MORTO LONGE DO COMBATE

A ti que creste
A lânguida Rosa
Cuspida
crispada
Nas tuas hemoptises vulcânicas
Nada é imutável
nada mudou
No céu o sol
Nas fardas as estrelas
Nas mentes a solitária

Algo é certo
Rolou dos teus pulmões atônitos
Com o sangue
Liberto sem combate
Como clandestino gubitamente anistiado
A crença no incrível
A pregação do indizível
A palpação do inescrutável
A certeza que nada existe
ao dobrar a esquina

Assim

a rua deve ser retilínea e macia
a todos os pés
a carniça deve fartar todos abutres
A luz ofuscar todas as retinas
Buscastes por buscar
diante de ti
a definitiva
niilista

Verdade

Segue

envolto em xiquexiques
embalsamado em piquizeiros
buritia

Buscar por buscar

é uma forma de encontra

A ti que creste

A Lânguida Rosa!

J. Flávio

←—oOo—→

CLAMOR

clama o leigo
clama o clérigo
pela livre aurora que não quer chegar
tonta a terra parece invocar ao cosmo
um dia de amor.
muitos são os puros tristes
que rodeiam crente o palácio central.
cego surdo e falso o rei repousa alegre
a bem do mal.
num suspiro derradeiro de esperança
a gente tenta resistir.
tal qual uma membrana fina e frágil
como a que reveste a menina dos olhos.
clama a rua, a província, a aldeia, a beira-mar,
o sertão, a planície, o planalto, a terra, e o ar,
(que as vezes quase me falta) o errante,
o andante, o prudente e o amante.

Abidoral Jamacaru

CHURRASCARIA DO PARQUE

Um Local Aprazível para Você e sua Família

OS SÁBADOS: FEIRINHA DE ARTESANATO, COMIDAS TÍPICAS E SERESTA
NOVA ADMINISTRAÇÃO: FERNANDO E ADERBAL



XILO: — NORMANDO

Em busca de Uma Identidade Cultural

No Cariri sempre existiu ativos movimentos culturais. Na verdade esses movimentos se traduzem em ciclos culturais, com um tempo médio de 4 a 5 anos e com uma lacuna de tempo entre eles. De 1967 para cá, identificamos três ciclos culturais, começando pelo jornal «A VANGUARDA» até o jornal «FOLHA DE PIQUI», passando pelo Grupo de Artes «POR EXEMPLO» e o jornal «NAÇÃO CARIRI». A importância desses movimentos e jornais é indiscutível. Merecia uma análise profunda e individual de cada um deles. Mas independente desses ciclos (ou movimentos), existe uma cultura constante, que está esquecida entre os «meios intelectuais» (sic) da região. Mas mesmo assim jogada ao desprezo, resiste bravamente e é a maior prova de luta contra o colonialismo cultural imposto pelas multinacionais do ramo.

Para se ter uma mínima idéia do valor desta cultura insubmissa, a chamada cultura popular ou cultura do povo, se faz necessário dar evasão ao inconsciente, buscando a chamada identidade da cultura nacional. Também se faz necessário ver as vanguardas comprometidas com essa preocupação e que alicerçam suas propostas estéticas na luta por uma «descolonização da nossa cultura». Encontraremos aí, só para citar um exemplo, o cinema novo — movimento do qual Glauber Rocha foi um dos principais «consciências». Neste movimento veremos o ímpeto de rompimento com a província — do regional ao universal ou terceiro-mun-

dista. Impeto este que bem precisa nossa província de Crato.

Analisando melhor a real situação da burguesia, que paradoxalmente, retém em mãos os meios de produção cultural, veremos os equívocos inerentes a esta sociedade que tão bem traduz a província. A burguesia, como uma classe falida e decadente, não tem nenhuma capacidade de fazer cultura, consumindo-se na sua ociosidade, ingerindo wisck's e promovendo festinhas soçaites. E incapaz de fazer cultura, passa a explorar as classes populares e destruir os seus valores culturais, pois bem sabe da força dessa cultura enquanto mecanismo de combate a opressão. Neste processo de combate ao opressor, de descolonização e na busca da identidade cultural, o homem simples que cultiva sua roça ou que pertence ao anônimo de uma fábrica, mas que é também um artesão, um músico, um poeta, terá uma participação decisiva, colocando sua arte a serviço da transformação.

É bom lembrar: não somos o que querem os países imperialistas, não é nossa as realidade das falsas dos enlatados globais, não somos um país desenvolvido e rejeitamos qualquer tipo de catequização, colonização e o modismo banal importado do sul. É preciso estarmos com os pés no chão e sentir que habitamos uma parte marginalizada do país, a qual o poeta Patativa chama de «Brasil de baixos». Temos a fome a miséria e a opressão como companheiras do dia-a-dia. A seca resseca nosso chão constantemente e como isso não bastasse, sofremos a escravização de uma conhecida «indústria da seca» — dirigidas por aqueles que se dizem representantes do povo, mas que na verdade sugam até a última gota do nosso sangue e exauram nossas forças, roubam nosso pão de cada dia e matam nossos filhos.

Não precisamos de shazans e super-heróis, e de nenhum tipo de herói, pois «infeliz é o país que precisa de herói» — como disse Brecht. Mas, revendo nossa história de sangue e suor veremos o exemplo de grandes homens, que são exemplos de luta e resistência. Todas as reverências à Antônio conselheiro e a sua utopia de dias melhores; ao Beato José Lourenço e sua comunidade socialista; à Virgílio Ferreira (o Lampião) e sua vingança social; à Bárbara de Alencar e sua revolução «inútil» e precisa; à Patativa do Assaré e sua poesia revolucionária; à Seu Jefresson e sua esperança verde. Viva todos os artistas populares: violeiros de «mei de fera», poetas de cordel, xilogravuristas, mamulengueiros, artesãos, emboladores, músicos de bandas cabaçais, rabequeiros. **SALVE O POVO E SUA CULTURA PARTICIPANTE E REBELDE.**

CARLOS RAPHAEL

LEIA E ASSINE

FOLHA DE PIQUI

FRANCISCO LOURENÇO DA SILVA

VULGO CHICO ANICETE
MEIO SÉCULO DE MÚSICA

Agricultor, músico e artesão. Nasceu em 1917, dia 21 de junho. Pai de 30 filhos, casou três vezes, viuuvu duas. Permanece atualmente casado com Dona Sebastiana Rodrigues da Silva. Ao casar ela tinha 18 anos. O filho mais novo de seu Chico tem 6 meses de vida. Faz 7 anos que ele casou-se pela última vez. Dos 30 filhos, apenas 10 sobreviveram: 4 mulheres e 6 homens. Todos agricultores, mas com dons artísticos. Tocam viola, pife, pandeiro, etc. Mas nenhum faz parte da banda cabaçal (Irmão Anicetes), por enquanto.

Seu Chico todo ano, do mês de outubro a dezembro, fica observando no céu um grande nevoeiro. Quando este nevoeiro aparece é sinal de inverno. E já faziam 5 anos que Seu Chico não o via. Ele afirmou que quando o nevoeiro aparece mais cedo, o inverno também chega mais cedo. E este ano o nevoeiro apareceu de dezembro para início de fevereiro, às 6 horas da tarde. «Idai» foi bastante água. Este fenômeno é denominado de «entrenorte», pelo menos Seu Chico assim o conhece desde quando era menino.

Por um motivo «qualquer», Seu Chico não plantou este ano. Mas como ainda tem que sustentar mulher e dois filhos, ele se pegou com sua velha arte de carpinteiro-artesão no fabrico manual de violas, cavaquinhos, pifanos e instrumentos de percussão (zabumba, caixa, pratos, etc.).

Seu Chico faz parte da Banda Cabaçal há 50 anos. Esta banda vem desde seu pai José Lourenço da Silva que faleceu com 104 anos. Depois que o pai morreu, a banda ficou sob a responsabilidade de Seu Chico e 4 irmãos seus: Antônio, João, Raimundo e Cícero.

O apelido «Anicete» foi o Sr. Zezé Pinheiro que botou, pois foi numa noite chuvosa, que trovejava e relampejava muito, e com o barulho de vinte e tantos porcos grandes, que Seu Zezé ficou meio assustado e ao chamar por seu empregado, que era José Lourenço, disse o nome Anicete.

Sabemos que a Banda Cabaçal dos Irmãos Anicetes está entre as melhores do Nordeste (no estilo), mas envergonha-nos imaginar que podemos perder esta importante e maravilhosa banda. Ela que sempre lembra a cultura popular autêntica da região. Mas cuidado! Estão querendo tirar esta maravilha folclórica do Crato. Quem sabe? Eles podem até aceitar esta idéia, pois lhes ofereceram todas as vantagens que o Crato sempre lhes negou.

A condição para a permanência deles é simples: eles imploram trabalho e não esmola. Agora vejam a inocência e a bondade que Seu Chico tem para esta cidade tão ingrata com seus artistas populares. Quando perguntei: por que o Senhor não aceitou a idéia de sair do Crato? «Não aceitei porque SOU DO CRATO. MINHA MÚSICA É CRATO, NÃO POSSO DEIXAR ESTA TERRA TÃO BOA» — esta foi a sua resposta.

Jackson Bantim (Bola)

Prefeitura Municipal de Santana do Cariri

— ADM: PLÁCIDO CIDADE NUENS —

Festa de Santana: Um Amor de Festa

Cantadores: Patativa do Assaré, Pedro Bandeira, Raimundo Feirreira
Folclore: Pifeiros: Saturnino, Cícero Rogério, Reizado
Teatro: Amo todas as Mulheres — Banda de Música
Lazer: Barracas, Rifa, Festas Dançantes, Forró
Reza: Missas procissões e novenas
Santana do Cariri — Ceará — de 19 a 29 de Julho de 1984

Influência do Desmatamento no Desequilíbrio Ecológico

A floresta é uma comunidade biológica e equilibrada entre elementos da fauna e da flora, existindo ainda um equilíbrio entre micro e macro fauna assim como entre o micro e macroclima. Os componentes da fauna e da flora,

nesta comunidade são regidos por leis internas e pelas leis de um certo ambiente natural. O equilíbrio desta comunidade depende da interação entre uma série de fatores, como; fatores climáticos e fatores edáficos, interagindo

todos no meio florestal.

A derrubada indiscriminada da floresta provoca realmente um rompimento de equilíbrio entre todos os seres vivos com o seu meio. Esta derrubada é causada pela implantação mal planejada da pecuarização, monocultura de café, ou maracujá. Quando uma floresta é desmatada, desaparecem as flores, os frutos, alimento de certos animais e ainda se não bastasse lhe é roubado o refúgio ou habitat natural. Os animais, portanto, procuram fugir ou então morrem, e seu desaparecimento, prejudica outros animais que deles se alimentam. Ocorre, portanto, uma reação em cadeia que pode causar o fim da fauna de regiões inteiras.

Como se vê, os animais dependem das plantas e estas e seu meio ambiente estabelecem uma total interação de influências. Portanto, as plantas, os animais e os microorganismos mantêm relações recíprocas. Quando há um desmatamento indiscriminado, o número de animais que depende de uma espécie vegetal considerada cresce até se tornar tão grande que o alimento se torna demasiadamente escasso. Ocorre, assim, o rompimento do equilíbrio ecológico.

O processo de desmatamento numa floresta gera todo um encadeamento de consequências drásticas ao ambiente. Cessa a proteção do solo, ocorre grande incidência de luz, há elevação de temperatura e os processos de oxidação do extrato arbóreo se aceleram muito. A degradação da floresta é tanta que voltar ao era antes torna-se duvidoso.

O homem pode posteriormente reflorestar a área devastada, entretanto, algumas espécies que quase se extinguíram, poderão ser conservadas, mas dificilmente poderão se expandir. Outro problema no reflorestamento consiste na maneira inadequada de substituir plantas nativas por plantas exóticas, pois no futuro estas árvores de madeira excelente tornar-se-ão raras. No reflorestamento, outro problema é de ordem ecológica, climática etc, que não são respeitadas, pois ocorre toda uma alteração no ecossistema pela preservação e formação de solos, pela manutenção de elementos básicos para a preservação de habitat, pela produção de alimentos e abrigo para os diversas espécies animais.

O desmatamento contínuo das florestas, principalmente florestas tropicais, torna-se um perigo ao homem, pois está sendo destruído nosso próprio habitat e o reflorestamento não resolve o problema, porque a aquisição de mudas nativas é excessiva e a derrubada anual excede em muito o reflorestamento.

TEREZINHA BATISTA

Notícias

SHOW. No Dia dos Trabalhadores, o Folha realizou na Praça da Sé, o Show 1º de Mel, com a presença de L. C. Salatiel, Calé, Pachelly, Jamaru, Danilo Lopes, Geraldo Efe, Carlitus, Luís Fidélis e Fco. Airton. Na ocasião foi lido um manifesto de apoio aos trabalhadores do Brasil e do mundo, pedindo eleições livres e diretas já e plena liberdade de organização sindical. De resto foi muito bom. Salute trabalhadores!

«—oOo—»

SALA PATATIVA DO ASSARÉ. Com a presença do poeta popular Antônio Gonçalves da Silva (o Patativa do Assaré) foi inaugurada no dia 19 de junho a Sala Patativa do Assaré, destinada a perpetuar a memória do maior poeta popular do mundo. A sala está situada anexa a Empresa de Promoções e Publicidades Bolart, sob a coordenação do companheiro Jackson Bola Bantim e está aberta à visitação pública.

«—oOo—»

CORDEL. «O Beato Zé Lourenço e o Boi Mansinho ou A Chacina do Caldeirão» é o primeiro cordel de Normando Rodrigues, Edições Folha de Piauí, 1984. Neste cordel, a verdadeira história do Caldeirão do Beato, em versão popular, onde é colocado em público um fato que as autoridades cearenses querem apagar da memória do povo.

«—oOo—»

SHOW RECITAL. Marcou presença, no Auditório do Panorama Hotel, o show recital com Patativa do Assaré e Danilo Lopes. Apoio da Secretaria de Cultura e Turismo de Juazeiro do Norte e da Sala Patativa do Assaré. Dentro em breve o show deverá acontecer no Crato.

«—oOo—»

LIVRO. O Grupo Cultural Raízes lançou no dia 30 de junho o livro «Múrmurios Poéticos», co-autoria de Hermano Roldão e Cícero Jorge. O livro reúne poesias e é o segundo título do Selo Raízes.

«—oOo—»

BAIRRO DO SEMINÁRIO. O Parque Municipal será pátio da I Mostra de Artes a se realizar no dia 28 de julho com a presença de artistas populares do Bairro do Seminário, promoção do Grupo Cultural Raízes.

LANÇAMENTO. Nesses próximos dias, o poeta Gênes de Alencar, de vasta militância artística, estará lançando mais um livro. Trata-se de «PENSANDO», que traz poemas e pensamentos.

«—oOo—»

ECOLOGIA. Foi reativada no Dia Mundial do Meio Ambiente (05/06), a Associação para Conservação da Natureza, ligada a Faculdade de Filosofia do Crato. Em reunião preliminar, a diretoria da Associação elaborou um plano de trabalho objetivando a integração entre a Faculdade de Filosofia e a comunidade cariariense.

«—oOo—»

MANHÃS DE ARTE. Durante um mês, acontecerá aos sábados, a Manhã de Arte na Loja Bolart. Entre os artistas que estiveram mostrando seus talentos «in loco» destacamos as presenças de Chico Anicete, Pintorzinho, Correinha, Patativa do Assaré, Elói Telas, Danilo Lopes, Paulinho Chagas, Salatiel e Pachelly. Aconteceu ainda a I Mostra de cordel e Mostra de Artesanato Alagoano.

«—oOo—»

VOZES DO QUIXARÁ. A moçada de Farias Brito não deixa por menos, está organizando o jornal «Vozes do Quixará» que deverá sair logo logo. É mais uma voz cultural e de oposição à dominação tão frequente na nossa região.

«—oOo—»

MUSEU DO CORONELISMO. Será lançado em Santana do Cariri, no sul do Ceará, o Museu do Coronelismo. O autor da idéia é o Professor Plácido Cidade Nuvens, Prefeito de Santana do Cariri. Segundo o sociólogo Plácido Cidade Nuvens, o museu será um centro de estudos sobre o coronelismo, um sistema de dominação que por muitos anos perdurou na região do Cariri. O Museu funcionará na Casa Grande, que pertence ao Coronel Felinto da Cruz Neves, um dos mais famosos do sertão do Ceará. Uma comissão de arquitetos e historiadores já esteve em Santana do Cariri para a elaboração do projeto.

«—oOo—»

CENTENÁRIO DE SANTANA. Por ocasião do Centenário de Santana do Cariri, a transcorrer no próximo ano, será lançada uma Antologia de poesias cariariense, cuja montagem está a cargo do Professor Edmilson Félix. A antologia vai compreender uma mostra de poemas e um perfil de poetas cariarienses.

BOLART SALA
Patativa do Assaré
Rua Monsenhor Assis Feitosa N° 669 — CRATO - CEARÁ

UNIFRIO
UNIDADE TÉCNICA EM REFRIGERAÇÃO LTDA.
Rua Gal. Clarindo do Queiroz, 1922 - Fone: 234-3161 - Fort.-Ce.

O NORDESTE E A S E C A

WILTON DEDE

Já é assunto bastante discutido em todos os meios, seja político, universitário, de prestação de serviços, o problema de estiagem na região Nordeste. Plantações perdidas, animais morrendo sem pasto nem água, emigrações, solos esturricados etc, tudo isso se repetindo ano a ano sem uma providência séria por parte dos órgãos competentes.

Não ocorre que a região seja mal representada diante dos altos escalões políticos do país; basta lembrarmos de que temos além de deputados e senadores, ministros e até presidentes já tivemos no planalto e nada de concreto foi construído para que esse problema fosse amenizado. As cenas continuam se repetindo sem uma tomada de posição que venha sequer a abalar o problema. Ele sempre acontece.

Vários planos foram ativados, vários órgãos foram criados para darem assistência à região. Ultimamente foi criado o «Plano de Emergência». Temporariamente são feitas nucleações artificiais em diversas regiões e sub-regiões do Nordeste, vários açudes são construídos, mas veja bem, tais planos não passam dos chamados «tapa buracos», e há até quem afirme ser jogo político; os que chamam-no de «Indústria de Seca», sim, pois não chegam tais planos a influir em nada mais de 2 ou 3 anos subsequentemente ao de sua criação.

Outros passos importantes foram dados pelos órgãos do governo, mas com área de ação até certo ponto restrita. Veja o caso do plano de perenização de rios no Ceará. Segundo fontes, veio a solucionar o problema de apenas áreas mais ribeirinhas desses rios. E o caso de dizermos que esta seria, ou é, uma solução que resolve apenas parte do problema (e uma pequena parte). Podemos citar como importante; o «Projeto Paliteiro», desencandeado no governo passado para se cavar poços em grande parte do interior cearense. Esta sim, seria uma solução viável e que viria a resolver problemas em vários locais, podendo-se escolher inclusive as mais carentes.

Ao meu ver, deveria ser feito um plano de ação a longo prazo, que com sol ou com chuva, tivesse continuidade até, um dia, ficasse resolvido toda problemática da seca, ou, até que o agricultor tivesse condições de continuar na terra e dar prosseguimento ele próprio ao plano. Por exemplo: além de construção de açudes e nucleação artificial deveria o governo por em prática a eletrificação rural, e paralelo a isto abrir créditos agrícolas e financiamento de motor-bomba aos agricultores, orientar com mais intensidade como deveriam fazer irrigações, etc. Apenas uma idéia, mas que poderia ser desencandeado planos mais ou menos nesses termos.

Apesar de todos os esforços, a seca continua a abalar o nosso pobre Nordeste. Os prejuízos aumentam a cada ano e a nação sofre o peso da desgraça. Ano vai, ano vem e as coisas se repetindo. Estiagem, gado morrendo, emigrações, etc, e com isso o nordeste vai ficando cada vez mais sem braços para a sua agricultura, na parte do «Polígono das Secas».

Num recente estudo feito pela UFPE, sobre o processo de desertificação no Nordeste, onde ali apontam além dos fatores climáticos,



a falta de ajuda aos que habitam essa região. Essa falta de ajuda provoca uma emigração maior a cada ano. A volta dessas pessoas é sempre menor em quantidade. A região está ficando cada vez mais desértica. O governo sempre com os seus planos «Tapa buracos». No final de tudo o único prejudicado é o homem do campo.

Para se prender o agricultor no seu lugar é preciso antes de tudo dar condições para que o mesmo possa viver bem no seu lugar. Vejamos a seguir o que nos diz um agricultor.

ENTREVISTANDO UM AGRICULTOR

E — Entrevistador

A — Agricultor

E — Como é o seu nome, onde nasceu?

A — Pedro Tavares da Cruz. Eu nasci em Missão Velha em 10.10.1940.

E — Você sempre foi agricultor?

A — Fui sim, desde quando eu tinha 5 anos até hoje. Eu comecei com meu pai Antonio Tavares Muniz. Ele é bem conhecido por aqui.

E — Fale-me alguns problemas maiores dos agricultores.

A — O problema maior é a seca acabando com tudo; nem banco nem governo ajuda, e o que é que a gente faz né?. Agora uma coisa eu digo certo, se ele fizer assim quando chegar a política ele não arranja nada, que nós aqui é que sabe o que é sofrer mesmo.

E — Mas ele tem suas maneiras de arranjar votos. Você não acha não?

A — E. Ele tem mesmo muito jeito de arranjar. O que eu acho mesmo é que esse dinheiro que era prá vim pro nordeste pra agricultura um bocado dele ele tá guardando prá comprar voto nas eleições. E como é que nos outros anos tem verba prá tudo quanto é de cidade e pro campo nada, é desse jeito que nem cantiga de perua, só se num for mesmo isso que eu digo porque o que é que nós pode pensar né?

E — Nessa política do governo você acha que existe preferência? ou acha que resolve pelo menos parte dos problemas?

A — Há tem sim. Só é bom prá quem é grande produtor. Eles tem muito gado, muita terra, muito dinheiro, tem carro, tem motor, aí ele arruma é tudo nos banco, tudo que quiser. Tem amigo político também que arranja as coisas pros sítios deles né. Tudo deles é na frente a gente fica toda vida depois, todo mundo sabe dessas coisas de política ou tem dinheiro ou num tem nada.

E — Esses grandes produtores ajudam os pequenos em alguma coisa?

A — Alguns que a gente conta numa mãoaju-

de um pouco, mas o resto só quer é mais prá eles. Tem deles que empresta dinheiro a gente com juros de 10 e 12%, compra a safra da gente barata, e nós tem que vender a eles mesmo prá poder pagar e termina nós sem os olhos da cara, prá você vê né?

E — Você tem vontade de deixar a agricultura e viver de outro ramo?

A — Não tenho não, porque é só o que sei fazer na vida é ser agricultor mesmo. Meu sítio é a única coisa que eu tenho além da muié e é a única coisa que eu tenho além da muié e dos menino, mais eu digo ao sr. que se o governo continuar que vem fazendo até agora eu não vou morrer de fome, não eu deixo tudo aí e vou morar na rua. A política que eles faz é só prá botar nós prá traz. Ele devia ver que quando não tem dinheiro de banco a gente se vira com os agiotas, e a gente num paga juros a eles porquê não paga ao governo que pelo menos ajuda a nação. Se é de dar aos outros que dê a ele né não?.

E — A emergência não foi uma boa coisa? o que você acha desse plano?

A — Moço eu acho que foi boa coisa mas só pros rico. Esse negócio de emergência só podia ser bom pra esse povo mesmo. Escute se num é, começa daí que ele alista até a muié dele. Depois arranja um bocado de trabalhador que precisa comer; cava seus açudes; faz suas cerca seus curral, abre estrada nos sítios. limpa ca seus curral, e depois que tudo tá feito com as nossas terra, e depois que tudo tá feito com as nossas mão, que nós fica é oheios de calo quer vê olhe as minha... Manda a gente fazer serviço de animal, dizendo que quem tá pagando é o governo. Prá você ver,, o leite ele tira no curral e vende a gente no curral por 500,00; aí bora! e vende a gente no curral por 300,00; aí bora! e vende a gente no curral por 300,00, como é que pode? Depois fica falando que a gente é preguiçoso e mal agradecido mas o que que nós tem que agradecer. Eles que num precisa tão no emergencia e nós pas-sa em humilhação que eles não tem pena mesmo Querem é tirar o couro.

E — Você tem alguma idéia que possa dar pra o governo melhorar a situação, ou seja, Uma opinião sua para a política agir com relação a agricultura?

A — Aí tá ruim de eu lhe dizer, porque com essa seca verde miudinha que nem essa ele já tá desse jeito, negando por tudo o que prometeu a nós. Porque quem num se lembra dum negócio de «PLANTE QUE O GOVERNO GARANTE» que saia nos rádio de dia e de noite aí prá todo mundo; prá nós continuar na agricultura que ele garantia, quando acaba é desse jeito. Cadê a garantia?. Eu sei bem que ele gosta é de voto.

E — Mas você acha que ele devia fazer o que pra ajudar mais?

A — Não era nem dar dinheiro que isso até vicia. Era emprestar mesmo a nós pelo banco e cortar essa emergência, que só tá dando prá quem é rico, os agricultor menor se tivesse empréstimo não era prá tá se sujeitando. Num digo que é ruim mas todo mundo hoje se emprega alistado que é pra pagar menos. Fica a confusão proque é cortado quem trabalhá sem ser no serviço de emergência, eu acho que vai tudo é terminar morrendo de fome mesmo.

E — Quer dizer que você acha melhor que a emergência seja desativada?

A — É sim. Agora se aparecer condições de trabalhar. Porque é como eu disse: o dinheiro da emergência resolve mais nós fica sujeito a tanta coisa que num compensa. Nós támo cumendo é regrado, sem poder pagar o que deve nem a banco se tiver nem aos agiotas, e a agricultura vai cair de produção e só quem vai pagar é nós mesmo porque quem tem as coisas vai terminar é tomando as terras da gente *

Método Niemeyer

(Preconizante da verdadeira medicina preventiva, psicossomática)
ALIMENTAÇÃO CIENTÍFICA, APIRÓGRAFA, ONIVORA, ACIDÓZICA
HIPERPROTEICA
HIPERLÍPIDICA FOSFATADA IODICA
NORMOGLICÍDICA INTEGRAL
HIPERMINERALIZADA
HIPERVITAMINADA
ESCOREÁCEA (celulósica)

A alimentação apirógrafa (exclusivamente crua) preconizada no Método Niemeyer é fornecedora de escóreas (rica em celulose — material fibroso integral) que ativarão os movimentos ondulatórios gástricos do aparelho digestivo e que escorvam e excitam os intestinos ativando os movimentos peristálticos.

OBSERVAÇÃO:

O Método Niemeyer preconiza:

- 1º — Predominância do fósforo sobre o cálcio;
- 2º — Predominância do potássio sobre o sódio;
- 3º — Predominância do complexo vitamínico B e das vitaminas A sobre as demais vitaminas;
- 4º — Abstenção radical do Cloreto de sódio (sal de cozinha) e do Açúcar Industrializado;
- 5º — Respeito às associações alimentares discordantes.

O Método Niemeyer apresenta como prova viva incontestável, uma criatura pré-idealizada — **CHRISTINE ELIZABETH VON NIEMEYER**, idade: 16 anos, imune a todas as doenças infecto-contagiosas, corriqueiras na fase pediátrica, imune à gripe, à cárie dentária (sem nunca ter escovado os dentes), dotada de uma **resistência monolítica inquebrantável associada a um sistema imunológico inexpugnável**, dotada de uma estrutura orgânica incombível, haja visto que com apenas 10 anos de idade levantou inúmeras vezes homens de 74 (setenta e quatro) e 78 (setenta e oito) quilos. Resultado este conquistado com uma alimentação cientificamente idealizada e racionalmente administrada, após 20 anos de estudos em livros científicos de autoria de notáveis cientistas e renomados pesquisadores, ambos representantes-mor da medicina ortodoxa.

E todos estes anos foram baseados em miculossíssimas observações.

O Método Niemeyer é preconizante da alimentação nitrogenada — da proteinoterapia onivora apirógrafa (proteína de origem animal) e proteína de origem vegetal, ambas no estado cru.

O Método Niemeyer é preconizante da autofagia (do jejum) na fase inicial e em todas as vezes que este se fizer necessário. A alimentação de ação imunológica natural tornou-se uma incontestável realidade, que só poderá ser alcançada com alimentos onívoros, apirógrafos (crus), **HIPERPROTEICOS, HIPER**

LIPÍDICOS e simultaneamente riquíssimos em Sais Minerais e Vitaminas e nas imprescindíveis escóreas.

Impossível argumentar contra a evidência dos resultados alcançados.

Esta é incontestavelmente uma grande verdade e uma grande descoberta.

Amoney Segadas Vianna de Niemeyer
 Cientista, Fisiologista, Nutrólogo, Biólogo, Radicado no Sítio Ribeiro - Santana do Cariri-CE

De Lá Para Cá



(Recebemos, Acusamos e Somos Gratos)

LIVROS — JORNAIS — FOLHETOS

- **CONTÁGIL** (Nºs 1 e 2) — Traz poesias e notícias. Editado por Manuzé e Dione Barreto. Caixa Postal 1326 — Recife/PE — 50000
- **FOLHETOS DE POESIAS** (Xico Productions) — De Xico Reginaldo de Sá, autor do livro **METAFORANSIA**, que, por ora, agita a «marginália poética e punhética da recífeia-desvairada». Para algum toque, como pede o Xico, escrevam para: Casa do Estudante - Ap. 101 — Cidade Universitária — Recife/PE — 50000.
- **UIRAPURU** (nº 5) — Alternativo editado por José Lourenço da Silva, o Jó Louro. Rua Licota Maroja, 51 — Cidade dos Funcionários João Pessoa/PB — 58000.
- **PRESENÇA** (nº 4) — Editado por Rubens Leite, traz mensagens cristãs de paz e amor. Caixa Postal 175 — Pindamonhagaba/SP — 12400.
- **JORNAL LÍTERO-PESSIMISTA** (nº 3) — O título já diz bem a filosofia do jornal, que com este número encerra a sua curta carreira escrita. Correspondência ainda que tardia para: Av. João de Barros, 663 — ap. 808 — Bloco B — Edifício Garanhuns — Boa Vista — Recife/PE.
- **ARMAS & BAGAGENS** — Poesias de Denise Teixeira Viana. Lírica e real, sua poesia questiona e instiga. Mire-se no exemplo de «consequência»: «O não pertubes / por favor/ este sono brasileiro / que eu nasci de formada». Caixa Postal 11.052 — Rio de Janeiro/RJ — 22022.
- **LEIAMIGO** (nº 4) — Intercâmbio cultural deste país pindorama. Editado por Denise Teixeira.
- **BANCA NACIONAL DE LITERATURA INDEPENDENTE** — Iniciativa independente, que pretende organizar uma livraria itinerante com a produção nacional. Cx. Postal 60029 — Rio de Janeiro/RJ — 20970.

- **CASA DE LITERATURA** (Nºs 9 e 10) — Editado por P. J. Ribeiro. Av. Júlio de Mesquita, 615/111 — Cambuí — Campinas/SP.
- **MURAL DE POESIAS** (Nºs 17 a 20) — Muita poesia e informes. Rua Dr. José Maia, 31 Cidade do Funcionário — João Pessoa/PB — 58000.
- **MARIONETES** — Livro de Poesias de Wanderley Heraldo. Na apresentação, Cláudio Veronesi diz: «Entre o apuro da forma vocabular e a liberdade plena, o poeta deixa fluir, livremente, a mensagem através de si, em versos brancos e rimas ricas, seguindo uma cadência que ora nos lembra Camões, ora Dante e Virgílio.» Caixa Postal 6079 — São Paulo/SP — 01000.

CONTATOS

- Clério José Borges — Presidente do Clube dos Provadores Capixabas. Cx. Postal 177 — Vila Velha/ES — 29100.
- José Carlos de Sousa — Ex-editor do DESERT'S. Vila Martins, 10 — Sto. Antônio de Jesus/BA — 44570.
- **GRUPO PICARÉ** — Através de Rafael Marques. Caixa Postal 165 — Santos/SP — 11.100.
- Amancio Holanda. Rua Cel. José Jucá, 179 Iguatu/CE — 63500.
- **FUNDAÇÃO NACIONAL PRÓ-MEMÓRIA** (Biblioteca Nacional) — Av. Rio Branco, 219 3º andar — Rio de Janeiro/RJ — 20042.
- **INSTITUTO MUNICIPAL DE ARTE E CULTURA** — IMAC (Projeto Centro de Cultura Alternativa) Rua Rumânia, 20 — Laranjeiras — Rio de Janeiro/RJ — 22240.
- Luís avelina. Rua Castro Santos, 166 — São Paulo/SP — 03279.
- **GRUPO DE UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA** — Carta de Willian Augusto participando-nos da programação dos festejos ao Centenário da Abolição da Escravatura Negra do Ceará. Rua Rio Solimões, 598 — casa 32 — Jardim Iracema — Fortaleza/CE — 60000.
- Everaldo Oliveira Santos. Cx. Postal 2456 Ag. Cidade Alta — Salvador/BA — 40000.
- Ailton (Edições Egua Solta) — Travessa Setubal, 18 — Coutos — Salvador/BA.
- Afranio Pires. Rua José Lourenço, 1300 — L. Nova — Natal/RN — 59000.
- Cláudio Gomes — Cx. Postal 52309 — Itaim Paulista/SP — 08170.

FOLHA DE PIQUI

Rua Cícero Araripe, 298 - Crato-CE - 63.100

EXPEDIENTE

Nº 04 — Ano I — Junho/Julho de 1984
 EQUIPE ORGANIZADORA:

Jackson Bantim, L. C. Salatiel, Normando Rodrigues, Fco. Cunha, Marcos Cunha, Carlos Raphael, Terezinha Batista, Dedê e Calazans Callou.

Livrarias CEEMA

Tudo em material Escolar, Livros Didáticos, Paradidáticos e de Divulgação

CEEMA: Uma opção que virou mania.

Em Crato: Av. Duque de Caxias, 656 - Tel. 521-1248

Juazeiro: Rua Santa Luzia, 570 - Tel. 511-1908

ATENDENDO AO PÚBLICO 11 HORAS POR DIA

CARIRI: ALDEIA DE TODOS NÓS

Nada há que me faça mais brilhar os olhos e delirar a visão, que avistar o belo vale, de cima. Descendo pela Serra de Santa Rita como quem vem do Jardim; escorregando pelas ladeiras da Batateira, vindo do Araripe; ou ainda, pela estrada atormentada de buracos, dos que chegam de Caririáçu, tudo é um enorme tapete verde, mesclado aqui e ali das manchas brilhantes dos açudes cheios d'água.

Inda mais agora, com as chuvas benfazejas de março, quando as plantas se vestiam de um verde maluco. As manhãs tornaram-se mais claras e transparentes, o ar de uma leveza de pluma. Nas partes mais altas já se sente um friozinho gostoso, fazendo-nos desenterrar do prolongado descanso, nossas velhas mantas de lã. O que se pode dizer, é que por aqui a vida ficou suave. Vê-se um misto de emoção e alegria nos rostos que contemplam admirados, as águas que caem milagrosamente.

O Cariri é dessas regiões por que a gente se apaixona de imediato. Não há como não. Suas águas, seu clima ameno nos pés de serra, seus lugares, seus costumes inauditos, suas crenças e lendas, sua gente exercem sobre quem as conhece um fascínio tal, a ponto de já terem chamado de mágica, a esta região. E tanto ainda, que morrerá algum dia por aqui, entre amigos e águas puras, entre verde e contas multicoloridas encontrada no mato dos nossos caminhos. Acredito que se me for dado ficar, nem sentir-me-ei morrer.

Não abrirei mão nunca, de numa sexta-feira perdida, à tardinha e com alguns «bons amigos», sair em busca da paz inviolável do Caldas e ficar, só ficar, lá pelas águas abençoadas do Bom Jesus, neutralizadas em sua baixa temperatura, por alguma boa cachaça da Região. Os mais íntimos sabem do Rocha, são amigos de Tudinha, batucam no Bar do Paulo, sobem ao Cruzeiro — o visual mais lindo — e deixam seus nomes na madeira. Os mais íntimos são os que por já tantas vezes, em noites e mais noites de lua e sem lua, ficaram pelos batentes da Igreja, deitados pelas ruas desertas e pelas calçadas, errantes aos acordes lindos do violão. Não abrirei mão das fontes inimaginadas como a «Santa Rita», como o «Riacho do Amor» — outro dia enterramos lá uma garrafa de vinho — daquela cascata onde morreu o «Prof. Leandro» e de todos os lugares poéticos e eternos de Barbalha. Aliás, Barbalha é uma das cidades mais simpáticas que já conheci. Seus sobrados antigos, suas praças antigas, seus bares antigos, suas pessoas novas que parecem «antigas». De resto, falar do Ararajara — terra das calçadas altas, das grutas misteriosas, das sanfonas afiadas — e da Bulandeira, do «Venha-Ver», do Estrela, da Festa de Santo Antonio, dos engenhos de muitas tardes, do canal tremulamente belo, das mulheres bonitas seria não terminar nunca.

Não suportaria nunca abandonar Juazeiro do Norte. Abandoná-lo seria abandonar meu próprio projeto de vida. Abandonar a Serra do Horto com aquele seu jeito triste e solitário

da estátua? As romarias, as procissões gigantes, os passeios de bicicleta até o Barro Branco, os papos em Dioclécio na Palmeirinha? Abandonar o Juazeiro grande, comércio, vazio após as 22:00 hs. de 3 prédios altos, de gente amiga? Não, não me seria possível. Noutra noite — bons tempos — cheguei com uma grande amiga, assim pela madrugada, na Praça Pe. Cícero. A coluna da hora batia 2 horas e a gente ficou falando da vida. Nunca vou esquecer. Não vou deixar nunca meu Juazeiro desta praça marcante, do bar de Moura — ponto da velha guarda — do pessoal novo que não tem ponto: bebe em Praxedes, em Jurandir, em Chico, em D. Maria, no Santa Teresa — pouco conhecido, mas ótimo — em Joaquim, em Almeida, em Ponciano, na calçada. Juazeiro ainda da Beata Mocinha, do príncipe Ribamar, do velho Lunga, dos Coqueiros de Damião, do velho colorido que vendia tabaco, de Cija do barro cru, do dia 20 de preto, dos buracos no asfalto, da favela do matadouro...

Como deixar tudo isso? Como viver cem eternas saudades do Crato, do doce Crato de Açúcar? Não me consola só matar as saudades e ver a morena — «eu vou pro Crato, vou matar minha saudade...» Quero ficar por aqui, perambulando pelas suas ruas simpáticas e limpas, nas suas praças de fontes luminosas, pombos voando soltos. Doce nas ladeiras, no cheiro, na beleza noturna p'ros que tão sempre voltando do «Xerife». Quero ficar na graça, no batismo de cada mergulho em suas tantas nascentes. Quem de nós não conhece e ama o tanquão, o Belmonte de Pe. Ágio e sua orquestra, o Batente, a Pedra Branca da serra? Quem alguma vez não já se meteu pela serra e se sentiu um bicho?

Quero viver pelo Crato Saudoso da exposição, boêmio do Alagoano e de seu Almir, unido do pé-de-jambo, antigo do seminário. Meu Crato, de um cafezinho quente com queijo, num sábado de ressaca, com os olhos postos no infinito.

Crato velho, dos velhos carnavais, dos velhos festivais.

Éh Cariri-Kariri que me não vai ver ir embora. Cidades que não hão de me ver pelas costas. Aliás não existem cidades. Mas um único lugar. Que é nosso. Lugar de por-de-sóis maravilhosos, onde o verde explode em todos os lugares como um gozo de gigante, onde as noites são cheias de bêbados e poetas, de sonhadores e loucos, de insones e apreciadores de vinho, onde o luar de agosto é o mais lindo de todo o mundo.

Cariri das nossas doces lembranças. Cariri da nossa luta por tempos melhores. Palco da nossa aventura como jovens e agora da nossa responsabilidade como homens.

Rompendo as barreiras, as distâncias, as diferenças próprias, o medo da mudança e o comodismo, vamos em torno de uma enorme fogueira, armada numa clareira sem patrões, nas terras livres da floresta do Araripe, sonhar o nosso sonho e viver a nossa mais recô-

dita esperança, como os companheiros das peripécias de James Hilton, quando termos por fim descoberto nosso Horizonte Perdido.
TADEU ALENCAR

TRIBUTO (In Memoriam)

Este jornal é dedicado de coração ao companheiro FERNANDO SÁVIO DE ALENCAR MENDES, que foi vítima, recentemente, da arbitrariedade e violência policial.

A FERNANDO prometemos continuar sua luta, sabemos que: «Os poderosos podem matar uma, duas ou até três flores, mas jamais conseguirão deter a chegada da primavera».

«—oO—»

ARTE

(REALISMO SOBRE A NOSSA ARTE)

A arte de mendigar
para a Arte
É mendigar da Arte
para mendigar.

Ou
A arte de mendigar
É mendigar da arte

ANTÔNIO EUSEBIO

«—oO—»

«UM GRITO, UM SONO ETERNO»

O silêncio estendeu-se pelas pedras
E dele se fez um horizonte
A água do mar espumou
E em sal transformou-se
A flor do algodão abriu-se
E dela se fez pano
Apareceu uma infância
E com ela a velhice chegou

Calazans Callou

«—oO—»

JÓ O ESCRAVO BRANCO

Por que me Escraviza Patrão, por que?
O tanto que eu trabalho
já não chega prá você?
Ou será que o patrão, quer me crucificar?
Me batendo de chicote até o sangue jorrar!
Assim dessa maneira, de surra vai me matar!
Será que pelo ao menos,
Você manda me enterrar?
Com toda essa fortuna
que eu ajudei a ganhar!
Derramando o meu suor
e sem merecer apanhar?
Pois agora o senhor diga,
que resposta vai usar?
Por que me Escraviza Patrão, por que?

João Clemente

Dr. Odécio Sousa Marques

— A D V O G A D O —

Fomado em São Paulo pela Faculdade de Direito de MARILIA

Escritório: Praça da Sé — Vizinho ao Forum — Crato - Ceará

PANIFICADORA E CONFEITARIA PROGRESSO

Fabricação Esmerada dos Melhores Produtos:

== Pães, Biscoitos e Bolos ==

Rua Mons. Esmeraldo, 856 - Tel. 521-1608 - Crato-CE.